

A DESUMANIZAÇÃO DO INDIVÍDUO NAS DISTOPIAS DE LITERATURA DE LÍNGUA INGLESA NO SÉCULO XX

Thamiris Rodrigues*
Ricardo José de Lima Teixeira**

RESUMO: O presente artigo trata dos processos de desumanização existentes nos romances *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley; *Laranja mecânica*, de Anthony Burgess; e *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, de Philip K. Dick. A partir da leitura e do embate entre autores que se ocupam do estudo da utopia e distopia enquanto gêneros literários e dos processos de desumanização, os autores caracterizaram os conceitos supracitados e, então, analisaram como tais processos afetam as narrativas mencionadas.

Palavras-chave: Desumanização. Distopia. Literatura de língua inglesa. Utopia.

Introdução

Ao propor uma pesquisa que aborde a posição do ser humano na sociedade devemos ter em mente o quanto o homem pode de fato representar esta sociedade em que vive. O mundo está longe de ser um paraíso idílico no qual apenas o bem existe e o mal é apenas uma abstração. Na maioria das vezes, inclusive esse aspecto negativo vem à tona com a intervenção do próprio homem. O conhecimento científico transformou-o em senhor absoluto do planeta, mas nem por isso o privou de tomar decisões erradas ao longo do tempo.

A língua inglesa tem vários exemplos do que acabou por se transformar em um subgênero literário seguindo os passos de *Utopia*, de Thomas More. O diferencial passaria a ser o crescente conhecimento científico desenvolvido pelo homem, pois não havia mais como negar como os avanços científicos haviam chegado para ficar.

Os crimes cometidos pelos estados totalitários ao redor do mundo nos primeiros quarenta anos do século XX, entre os quais duas Grandes Guerras, fizeram com que os escritores de ficção científica comessem a especular sobre sociedades nas quais a perfeição passa a ser substituída pelo lado mais obscuro e sórdido da humanidade, algo que, na verdade, jamais deixou de existir.

A partir daqui chegamos ao reverso da utopia, ou seja, à distopia, aquele lugar onde o ideal idílico se reverte em pesadelo. Inexiste a igualdade, em seu lugar invariavelmente reina o controle rígido por parte de um Estado controlador e castrador da liberdade individual. A mesma ciência que poderia ser uma benção desejada se reveste em instrumento de manipulação de individualidades e desumanização.

Admirável mundo novo (1932) de Aldous Huxley apresenta uma sociedade estratificada socialmente na qual desde o seu nascimento (através de tubos de ensaio, antecipando avanços na engenharia genética quarenta anos depois) o indivíduo é condicionado a ser e agir como aqueles que estão no poder julgam ser apropriado, independentemente de suas idiossincrasias. Todas as características inerentes à personalidade são decididas antes da concepção e o sujeito

* Licenciada em Letras pela UCB/RJ. Foi pesquisadora-voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica com o projeto “A desumanização do indivíduo nas distopias de literatura de língua inglesa no século XX”, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Teixeira e apresentou a produção decorrente do projeto no 3º Cine-Fórum da UEMS. Participou da edição especial InterAção do mesmo evento com o trabalho “Elementos do absurdo no conto 'O largo do Mestrevinte', de José J. Veiga”. E-mail: rothamiris@outlook.com

** Doutor em Letras: Literaturas de Língua Inglesa (UERJ). Coordenador de Letras: UCB; Professor da UCB; Professor-substituto da UERJ-FFP, Professor da FAETEC. Mestre em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ), Especialista Literaturas de Língua Inglesa (UFRJ). Professor de língua inglesa da rede FAETEC, também atua como professor-substituto na UERJ-FFP. Possui experiência em cursos livres de idiomas e em instituições de ensino superior. E-mail: rickylit1@yahoo.com.br

desta sociedade desconhece o próprio livre arbítrio e atua mecanicamente sem ter espaço para qualquer demonstração de emoção, vista como algo reprovável.

Trinta anos depois, Anthony Burgess lança *Laranja mecânica*, romance que também se aproveita desta falta de liberdade ao colocar o seu protagonista, um psicopata juvenil como objeto de estudo para um experimento científico no qual a liberdade individual deixa de existir e o controle estatal se apropria de suas reações e emoções. As sociedades disciplinares de Michel Foucault parecem se concretizar na gradual desumanização perpetrada em Alex. O “tratamento” ao qual ele se submete voluntariamente se utiliza da mesma ultraviolência que ele tanto prezava e que tanto prazer lhe proporcionava.

O salto tecnológico ocorrido a partir do final da Segunda Guerra Mundial possibilitou ao homem que a ficção dita especulativa chegasse até os seres artificiais, como robôs e andróides. Tal fato, no entanto, não significa que as preocupações ontológicas se encerrariam por aí. Philip K. Dick, seguindo uma tradição já iniciada com autores como Isaac Asimov, cria uma San Francisco pós-apocalíptica em *Andróides sonham com ovelhas elétricas?* (1968) na qual não são apenas os animais sintéticos que dão o tom, mas também andróides mais humanos que o próprio homem. A distopia de Dick embaça os tênues limites entre mecânico e orgânico, mas igualmente questionando a flagrante desumanização do humano.

Diversos autores já se ocuparam do estudo da utopia e da distopia enquanto gêneros literários. Dentre eles, destacam-se Carolina Dantas de Figueiredo, Luigi Firpo, Leomir Cardoso Hilário e Vítor Vieira Ferreira. Seguindo uma ordem cronológica, os autores do presente trabalho pretendem demonstrar, a seguir, a evolução científica ocorrida neste campo.

Tem-se como ponto de partida a discussão iniciada por Figueiredo em seu trabalho *Da utopia à distopia: política e liberdade* (1982) acerca dos mundos utópicos e de como os indivíduos são reconhecidos por eles considerando seu direito à liberdade. A autora pontua que, em muitos casos, a harmonia utópica só é possível a partir do uso de uma força repressora e que, concomitantemente, esse uso, quando desmedido, tende a direcionar essa sociedade a uma realidade distópica.

No ano seguinte, em seu discurso intitulado *Para uma definição da “Utopia”* (1983), Firpo aponta que a utopia enquanto produção literária deve revelar-se de forma sutil ao leitor ao mesmo tempo em que abrange todos os aspectos de uma sociedade e seus componentes. Para ele, a utopia deixa de ser apenas uma representação de um mundo ideal para tornar-se um manifesto a favor de mudanças capazes de converter os males da realidade em um cenário perfeito.

Trinta anos depois, Hilário propõe uma análise do gênero distopia em seu artigo *Teoria crítica e literatura: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade* (2013). Ao contrário de seus antecessores, ele agora ocupa-se de um mundo corrompido pela presença de uma entidade controladora dos indivíduos e de suas individualidades, seja através da força bruta ou de aparatos tecnológicos.

Por último, Ferreira reflete tanto sobre a conservação dos sonhos utópicos nos dias atuais quanto sobre o processo de transformação destes em pesadelos distópicos. Seu trabalho *Utopia e distopias no século XXI e pós-modernismo* (2015) traz uma visão do que poderiam ser as causas desse movimento, dentre elas a crescente visão do sujeito enquanto ser guiado pelo inconsciente e a grande descrença nos avanços tecnológicos-científicos responsáveis pelos estragos das guerras e dos regimes totalitários do século XX.

No que concerne a ocorrência dos processos de desumanização no fazer literário, buscou-se trabalhar cada obra de forma individual utilizando autores que demonstram estas ocorrências como base teórica. Carbonell (2014), De-Farias et al. (2014) e Gomes (2008) são alguns dos autores utilizados neste artigo, respectivamente tratando sobre *Admirável mundo novo*, *Laranja mecânica* e *Andróides sonham com ovelhas elétricas?*. Todavia, apesar dessas

análises serem majoritariamente individuais, alguns paralelos serão realizados para que se torne possível comparar os três textos.

A partir do diálogo entre os trabalhos dos autores anteriormente mencionados, percebeu-se a existência de uma lacuna referente à defasagem no campo de estudos acerca dos mecanismos desumanizadores nas obras literárias do século XX e como eles colaboram para a construção temática desses textos, bem como a oportunidade de discutir a respeito de um assunto que possibilita um debate sobre os próprios limites éticos da ciência enquanto ferramenta de controle social e político. Através da caracterização das noções de utopia, distopia e desumanização e da análise das narrativas através desses conceitos, os autores do presente trabalho buscaram identificar como a desumanização aparece nas obras *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley; *Laranja mecânica*, de Anthony Burgess; e *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, de Philip K. Dick. Além disso, esta análise também objetiva a observância de como esse processo afeta a temática e a caracterização dos três romances.

Utopia e distopia

Para definir um ponto de início faz-se necessário familiarizar o leitor com os principais conceitos abordados neste artigo. Começando pela utopia, tem-se que é uma idealização de uma realidade perfeita e harmônica, onde inexistem os problemas de caráter social presentes no mundo real.

A ideia de utopia mostra-se presente desde a Grécia Antiga, como mostra Ferreira (2015) ao citar Lima (2008) e seu *Genealogia dialética da utopia*, onde este, usando as obras aristotélicas *Ética* e *Política*, aponta os conceitos do filósofo grego de aristóbios e aristópolis (vida melhor e cidade melhor, respectivamente). Ambos são constituintes do bem-estar social do indivíduo, visto que esse só seria virtuoso se cumprisse com seus deveres para com a cidade.

Segundo Firpo (2005), a utopia deve apresentar três características principais: globalidade, radicalidade e prematuridade. Em outras palavras, a produção utópica precisa tratar de toda a sociedade e dos indivíduos que a compõem, propondo alterações profundas na estrutura social que ainda deverão ser realizadas ou observadas em outros lugares – como no caso da obra *Utopia*, de Thomas More, e de *A cidade do sol*, de Tommaso Campanella. A partir do entendimento dessas características é natural imaginar que, nas sociedades utópicas, os indivíduos teriam liberdade e igualdade absoluta, podendo agir como bem entendessem e desejassem.

Em contrapartida o que ocorre é que, nessas comunidades, os cidadãos, além de deverem obediência a líderes posicionados hierarquicamente acima do povo comum, devem cumprir com regras e leis estabelecidas por estes para que não sejam penalizados – apesar de as punições para aqueles que não seguem as regras sociais não serem aplicadas com frequência, já que os cidadãos utópicos tendem a cumprir com suas obrigações por vontade própria devido à internalização dessa moral que rege a sociedade em questão.

A partir da definição de utopia enquanto a representação de uma sociedade ideal, pode-se fazer um contraponto e apresentar a distopia como a imagem negativa do futuro de uma sociedade real; a grosso modo, um desejo utópico que deu errado.

Segundo Ferreira (2015), diversos fatores colaboraram para que a idealização cedesse lugar a um certo pessimismo quanto ao futuro da humanidade. Em primeiro lugar, a visão estritamente racional do ser humano, espaço para uma imagem mais inconsciente do indivíduo, que é guiado por seus desejos, necessidades e pulsões. Em segundo, a decepção com os resultados práticos dos regimes socialistas quando comparados à teoria e, em terceiro, o uso das tecnologias e dos avanços científicos, cuja promessa era de trazer benefícios para a vida em sociedade, para fins bélicos e de manutenção do poder.

Não se pode esquecer do indivíduo utópico, que, como diz Figueiredo, é

livre, do ponto de vista social, na medida em que a coletividade, por meio das suas leis, não lhe impõe limites injustos e lhe permite, dentro de determinados limites, tomar decisões e exercer certas liberdades, como por exemplo o direito de ir e vir dentro de determinado território. (1982, p. 351)

Essa liberdade não pode ser entendida como plena, visto que esse indivíduo se encontra à mercê de um líder, um legislador, enfim, de um governante que determina onde esta começa, onde termina e quais ações podem ou não ser realizadas dentro daquele espaço. Isso é observado no trecho a seguir, da mesma autora:

[...] dentro de um determinado corpo social a liberdade será sempre relativa, ou seja, por mais atividades que os sujeitos possam desempenhar, haverá proibições e obrigações, que não necessariamente são impostas por meio da força bruta, mas pela lei, pela moral ou pela ética introjetada pelos indivíduos. (1982, p. 352-353)

Apesar de não haver uma força de repressão àqueles que não seguirem as leis e regras vigentes, isso não significa que não existam punições para as infrações. É aqui que se encontra uma das fragilidades do mundo utópico e uma brecha para sua corrupção: a liberdade individual é suprimida para que a liberdade comunitária possa vingar, mas até que ponto essa supressão pode ocorrer sem configurar tirania do estado? Embora a realidade utópica seja regida por um contrato social igualitário para as partes, aquela que detém o poder pode desejar expandi-lo para além do que foi acordado e utilizará do controle à liberdade para fazê-lo, através de punições, do medo e da coerção. Assim sendo, tem-se a transformação de uma sociedade antes perfeita e igualitária; em um cenário distópico no qual o Estado assume o controle dos corpos e mentes dos seus cidadãos através dos mais variados meios. Alguns destes podem ser encontrados nas obras que serão analisadas, sendo eles a manipulação da subjetividade – comportamentos e pensamentos – através de tratamentos genéticos, psicológicos ou químicos em *Admirável mundo novo* e *Laranja mecânica*, e a manipulação da própria existência e das vivências humanas através do desenvolvimento de corpos não-orgânicos cuja função é suprir a demanda de serviços nas novas colônias interplanetárias em *Androides sonham com ovelhas elétricas?*.

Apesar de serem abordadas produções literárias no presente trabalho, vale frisar que a existência de um Estado controlador é possível na realidade. Segundo Hilário (2007), é no período da modernidade que se firma a ligação intrínseca entre o ser enquanto produtor de sua existência e as influências do ambiente no qual está inserido; a isso chama de “individualidade”. Para o autor:

os sujeitos não apenas se inscrevem no tecido social através de práticas culturais, mas também são produzidos a partir de determinada sociedade de maneira dialética. Na modernidade, inicia-se o processo de produção do sujeito regulado pela dinâmica social, em perpétuo movimento de transformação. (2007, p. 207)

Com isso considerado, é possível perceber que para além de pôr em xeque um futuro que pode vir a se tornar real se não houver uma sistematização do poder regimental, as distopias destacam os meios que podem ser utilizados para tal e contra os indivíduos. “A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica”, diria Hilário (2007, p. 206). Pois as distopias são um aviso da realidade que a humanidade pode vir a enfrentar se insistir na manutenção de disposições opressivas e regulamentadoras.

Desumanização no século XX

Como mencionado na seção anterior, o cenário distópico traz consigo uma realidade negativa, violenta e degenerada como resultado das ações, práticas e costumes do mundo atual. Claro que se deve considerar que no fazer artístico há uma tendência ao exagero, como uma amplificação do possível desenlace para o qual caminha a humanidade. Assim sendo, as seções seguintes buscarão dar conta de como essa hipérbole é utilizada por Aldous Huxley, Anthony Burgess e Philip K. Dick ao tratar da desumanização em suas obras *Admirável mundo novo*, *Laranja mecânica* e *Androides sonham com ovelhas elétricas?* respectivamente, definindo o que é esse processo e como ele aparece na diegese de tais romances.

Conceito de desumanização

Entende-se por desumanizar o ato de retirar as características humanas e tudo o que compõe a individualidade de determinado ser. Em outras palavras, é um processo ao final do qual um indivíduo perde sua essência enquanto humano, seja ela boa ou ruim. Esse processo tende a ser violento e agressivo; e podem ser submetidos a ele tanto indivíduos pontuais quanto grupos inteiros – desde famílias até uma sociedade inteira. Muitas vezes essa operação é realizada através da força bruta sob o comando de algum elemento de autoridade, mas também pode ocorrer enquanto processo psicológico ou pré-nascimento

Em duas das obras supracitadas – *Admirável mundo novo* e *Laranja mecânica* – a ação desumanizadora parte do Estado como forma de controlar os indivíduos: na primeira, tem-se uma sociedade formada por pessoas individualistas, que se preocupam somente consigo mesmas e com aqueles que consideram semelhantes, sendo o sofrimento e as aflições dos grupos ditos inferiores indignas de serem tomadas como importantes. O processo desumanizador em *Admirável* tem caráter político para controle dos habitantes da Londres de 2540, pois apesar de estes viverem em uma sociedade vendida como livre, feliz e harmônica, são impedidos de obter conhecimento através de fontes consideradas “indecentes” (livros, filmes, músicas) e devem seguir a vida a qual foram predestinados antes mesmo de sua geração em laboratório, ou seja, seu “nascimento”.

Já na segunda, tem-se o mesmo processo enquanto ferramenta de controle individual. O personagem central da história, Alex DeLarge, sob ordens do Ministro do Interior, é submetido ao chamado “Método Ludovico” – procedimento no qual um indivíduo é drogado, imobilizado e forçado a acompanhar cenas de violência extrema de forma a condicionar seu corpo a reagir de forma negativa a quaisquer elementos pós-tratamento que remetam ao seu comportamento anterior – para ser curado de sua conduta violenta e baderneira. Todavia, é justamente essa a sua característica enquanto sujeito e é ela que é perdida após o término do tratamento.

Já na terceira obra, *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, o processo de desumanização faz-se presente de duas formas: como substituição dos corpos orgânicos por androides para trabalho nas colônias espaciais e psicologicamente, possível de ser observada quando o personagem Rick Deckard, um dos caçadores de androides, começa a se questionar se ele mesmo não é uma de suas presas. Neste ponto da narrativa é possível perceber que uma espécie de neblina mistura a moral que guiava Rick em seu trabalho e aquela que o fazia (e os demais humanos) considerar os androides como simples máquinas que não possuíam direito à própria vida, a escolhas individuais e à liberdade.

Desumanização em *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley

Em *Admirável mundo novo* o processo de desumanização ocorre na própria sociedade, que se encontra completamente dominada por um estilo de vida fordista no qual os indivíduos

são vistos como produtos fabricados em uma linha de montagem semelhante às aquelas encontradas nas fábricas automobilísticas de meados do século XX. Essa visão é apresentada ao leitor logo nas páginas iniciais, quando Thomas Tomakin, Diretor de Incubação e Condicionamento, mostra a um grupo de estudantes como é o processo de criação dos sujeitos que formam a sociedade do livro:

[...] forneceu-lhes, enquanto os lápis corriam ilegitimamente de um lado a outro das páginas, uma breve descrição do moderno processo de fecundação; falou primeiro, naturalmente, da sua introdução cirúrgica [...]; continuou com uma exposição sumária da técnica de conservação do ovário [...]; passou a considerações sobre a temperatura, a salinidade e a viscosidade ideais; fez alusão ao líquido em que se conservavam os óvulos desprendidos e maduros [...] como os óvulos fecundados voltavam às incubadoras, onde eram conservados os Alfas e os Betas até seu acondicionamento definitivo em bocais, enquanto os Gamas, os Deltas e os Ípsilons eram retirados ao fim de apenas trinta e seis horas para serem submetidos ao Processo Bokanovsky. (HUXLEY, 2014, p. 23-24)

As classes mais baixas – ôegas e ípsilons –, geradas através do processo de bokanovskização, são completamente desumanizadas: devido às múltiplas cópias feitas a partir de um mesmo ovo e da injeção de líquidos durante seu desenvolvimento, sua aparência é deformada e possuem capacidades intelectuais reduzidas:

A bokanovskização – disse o D.I.C., para concluir – consiste essencialmente numa série de interrupções do desenvolvimento. Nós detemos o crescimento normal e, paradoxalmente, o ovo reage germinando em múltiplos brotos. [...] Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas. (HUXLEY, 2014, p. 24-26)

Para Carbonell, esses indivíduos que compõem a classe dos Ípsilons “são nada mais que brutamontes projetados para trabalho braçal, portanto, atrofiados propositalmente.” (2014, p. 49). Assim sendo, tem-se o motivo pelo qual esses dois grupos, Ôegas e Ípsilons, cumprem apenas atividades menores, como ascensoristas, operários ou faxineiros.

Em seguida, o Diretor apresenta o processo de condicionamento ao qual são submetidos os bebês já nascidos: através de métodos de caráter behaviorista – choques elétricos e sons agudos de sirene como reforço negativo para um comportamento considerado ruim – os indivíduos que compõem as classes sociais desse estado são condicionados a odiar todas as formas de lazer que não gerem benefícios econômicos (admirar a natureza, por exemplo) ou que possibilitem o desejo de mudança perante a forma como a sociedade é regida (contato com livros):

Virados, os bebês calaram-se imediatamente, depois começaram a engatinhar na direção daquelas massas de cores brilhantes, daquelas formas tão alegres e tão vivas nas páginas brancas. [...] Os mais rápidos engatinhadores já haviam alcançado o alvo. Pequenas mãos se estenderam incertas, tocaram, pegaram, despetalando as rosas transfiguradas, amarrotando as páginas iluminadas dos livros. O Diretor esperou que todos estivessem alegremente entretidos. [...] A Enfermeira-Chefe, que se encontrava junto a um quadro de ligações na outra extremidade da sala, baixou uma pequena alavanca. Houve uma explosão violenta. Aguda, cada vez mais aguda, uma sirene apitou. Campanhas de alarme soaram, enlouquecedoras. As crianças sobressaltaram-se, berraram; suas fisionomias estavam contorcidas pelo terror [...]. Os livros e barulho intenso, as flores e os choques elétricos – na mente infantil esses pares já estavam ligados de forma comprometedoras; e, ao cabo de duzentas repetições da mesma lição, ou de outra, estariam casados indissolúvelmente. (HUXLEY, 2014, p. 40-42)

Outro método utilizado é a hipnopedia, uma espécie de condicionamento que ocorre durante os intervalos de sono no período da infância e é tão potente a ponto de persistir pelo resto da vida na memória do sujeito. Esse processo consta de frases prontas que, em sua maioria, servem para levar a pessoa a ser grata por sua posição social predestinada. Essa “indução social” pode ser vista no seguinte trecho do livro, onde um grupo de bebês Betas é condicionado a aceitar a sua classe:

O Diretor percorreu lentamente a longa fila de pequenos leitos. Rosados e distendidos pelo sono, oitenta meninos e meninas respiravam suavemente. Debaixo de cada travesseiro saía um murmúrio. [...] “se vestem de verde”, disse uma voz suave, mas bem nítida, começando no meio de uma frase, “e as crianças Deltas se vestem de cáqui. Oh, não, não quero brincar com crianças Deltas. E os Ípsilons são ainda piores. São demasiado estúpidos para saberem ler e escrever. E, além disso, se vestem de preto, que é uma cor horrível. Como sou feliz por ser um Beta.” (HUXLEY, 2014, p. 47-48)

A terceira forma de controle da subjetividade dos sujeitos nascidos nessa Londres huxleiana é o consumo de uma droga chamada soma, que serve para inibir os sentimentos negativos atuando como um alucinógeno capaz de criar alucinações realistas que induzem a um estado de felicidade plena. É uma droga que “tem os efeitos calmantes de um sermão religioso sem envolver a autorrenúncia” e “os efeitos calmantes do álcool, mas sem qualquer tipo de estupor ou ressaca.” (CHIZMAR, 2018, p. 12)

Como se vê, os sujeitos nascidos nessa Londres futurista não possuem liberdade para escolher quem desejam ser, o que desejam sentir, a qual classe desejam ascender, com quem brincar durante a infância ou o que fazer nos momentos de ócio – afinal, foram condicionados a odiar a natureza e as artes. Em resumo, não possuem uma das principais características de um ser humano: o livre arbítrio. Com efeito, por não possuírem esse direito à subjetividade, tem-se, no enredo da obra de Huxley, indivíduos completamente desprovidos de sua humanidade, ou desumanizados.

Assim sendo, é possível dizer que a ação desumanizadora em *Admirável mundo novo* tem caráter político para controle da população, cujo objetivo é manter a estabilidade e o equilíbrio entre as classes. Para tanto, os Administradores Mundiais, como são chamados os líderes de maior poder na obra de Huxley, o fazem através da manipulação dos indivíduos em si – produzindo-os sob demanda, através da manipulação genética em uma linha de montagem industrial, de forma a satisfazer as necessidades de cada sociedade – e de suas individualidades – comportamentos, desejos e pensamentos; suas afetividades e atividades. Afinal, sem características próprias e conhecimento de outras vivências, saberes e crenças, não há porque se preocupar com a possibilidade de indivíduos se revoltarem contra a sua própria realidade e atrapalharem a (suposta) harmonia e os projetos de poder daqueles que governam a sociedade em questão.

Desumanização em *Laranja mecânica*, de Anthony Burgess

Em contrapartida, *Laranja mecânica* traz a desumanização de um único indivíduo: Alex DeLarge, o líder de uma gangue de delinquentes juvenis. Após ser traído por seus parceiros e ser declarado culpado pelo falecimento de uma mulher após um dos ataques de “ultraviolência” de seu grupo, Alex é enviado para uma prisão estatal. Nesta instituição, tudo o que Alex aprende é que deve se comportar como aqueles que o vigiam desejam, mesmo que esse comportamento não seja real. Com a morte de um de seus companheiros de cela, Alex tem sua pena estendida. Para reduzi-la, ele aceita o “convite” do Ministro do Interior e voluntaria-se ao “Método Ludovico”, cujo objetivo é a “reforma comportamental” daqueles que a ele são submetidos.

Após algumas sessões nas quais era obrigado a assistir vídeos de extrema violência, Alex é transformado em um jovem dócil, que rejeita quaisquer tipos de atos violentos e brutais.

Diferentemente do que ocorre em *Admirável*, nesta obra tem-se um processo de desumanização que visa o controle comportamental de apenas um elemento. O sofrimento alheio não é mais um sentimento digno de desprezo, mas uma ferramenta para a obtenção de um resultado: a conversão do comportamento de Alex através da tortura do método Ludovico para algo socialmente aceito é desejada, mesmo que isso signifique desprovê-lo de sua subjetividade. Em outras palavras, ele perde o livre-arbítrio para escolher quem deseja ser e a sua principal característica enquanto indivíduo, que apesar de não ser boa, era o que o definia como sujeito. Essa relação entre comportamento e individualidade pode ser lida na própria fala de Alex em:

Se os plebeus são bons é porque eles gostam, e eu jamais iria interferir com seus prazeres [...]. eu frequento a outra loja. E mais: maldade vem de dentro, do eu, de mim ou de você totalmente *odinokis*, e esse eu é criado pelo velho Bog ou Deus [...]
(BURGESS, 2014, p. 42)

Scorsi sintetiza essa ideia no seguinte trecho de seu trabalho *A laranja mecânica revisada*:

A LARANJA MECÂNICA é uma trágica comédia de horror criada com ironia lacerante que expõe na ultraviolência de Alex e seus parceiros de horrorshow (palavra que na linguagem nadsat dos jovens delinquentes significa um show de horror ou um ato cruel prazeroso) a perda de humanidade do homem desprovido da liberdade de escolha entre bem e mal, quando um ódio entranhado pelas instituições, pela vida organizada, pelas palavras homologadas pelo poder, impele a um comportamento desarrazoado. (DE ANGELO SCORSI, 1999, p. 173)

O comportamento de Alex pode ser notado logo nas páginas iniciais do livro, quando, em meio a um assalto de sua trupe a um “velhote tipo prof.” durante o qual a vítima teve seus dentes arrancados e está sendo espancada, DeLarge comenta com seu interlocutor que um golpe de Georgie “fez o vekio gemer muito na hora, e foi aí que brotou sangue, meus irmãos, muito lindo.” (BURGESS, 2014, p. 9) Esse trecho revela o quanto Alex se divertia com o sofrimento que ele e seus amigos infligiam a suas vítimas e como o resultado de suas ações o alegravam.

Mais adiante, em um novo assalto de ultraviolência, a gangue decide invadir a casa de uma senhora que vive sozinha com seus gatos. Todavia, a operação não ocorre como o planejado por conta de uma série de fatores: a vítima em questão não cede ao truque inicial de Alex e chama a polícia; ele, em uma tentativa de se defender da mulher que o arranhava, mata-a com uma estátua; e seus comparsas o traem, nocauteando-o e abandonando-o assim que escutam as sirenes dos carros policiais. Ao ser preso, Alex passa por diversos momentos em que é tratado como escória pelos policiais, que abusam de sua autoridade e posição de poder em relação ao adolescente, até o julgamento e condenação à prisão pelo assassinio da mulher. Agora nas mãos do Estado, Alexander DeLarge não é nada além de um número – e é aqui que inicia o seu processo de desumanização.

Na prisão, Alex passa a ser reconhecido não mais por seu nome, mas através de um número de identificação, e sofre com o abuso de autoridade policial “sendo chutado e tomando *toltchocks* de carcereiros brigões e brutais” (BURGESS, 2014, p. 78). Apesar de toda a violência sofrida e do suposto objetivo do confinamento, Alex não demonstra nenhum desejo de mudar seu comportamento; pelo contrário: diverte-se ao ler a Bíblia, pois esta supre sua necessidade de violência e submissão de outrem.

Com a morte de um colega de cela, Alex é designado pelo diretor da prisão estatal – Prestata – para ser cobaia no experimento Ludovico, que o reformaria e o tornaria apto a

reingressar na vida em sociedade. Desejando retornar para sua antiga vida, ele assina o formulário de permissão. Todavia, não lhe são explicados todos os pormenores do procedimento ao qual será submetido, o que configura a completude de sua desumanização pelo ambiente prisional e seus representantes superiores. Essa proposta acerca da relação entre falta de escolha e perda de sua dignidade enquanto ser humano é reforçada por Ana Karina de-Farias em seu trabalho *“Laranja mecânica”*: uma análise behaviorismo radical:

O tratamento oferecido a Alex visava transformar um indivíduo criminoso em um indivíduo inerte, apático, que não significasse qualquer risco à sociedade. Uma vez realizada tal transformação, ele poderia ser libertado da prisão. Nesse sentido, parece que o direito à liberdade, descrito no Parágrafo I do Código de Ética, foi satisfeito, embora sua vida ficasse limitada devido aos efeitos adversos produzidos pelo procedimento aplicado a ele. Entretanto, para que fosse plenamente satisfeito, havia a necessidade de associar tal liberdade à dignidade e integridade, o que não foi considerado. [...] Para a realização do tratamento, Alex deveria ser informado de todos os procedimentos e convidado a participar. É fácil compreender que, em sua condição de prisioneiro, a possibilidade de ser libertado tinha um valor reforçador bastante alto. Entretanto, expor um indivíduo, nessas condições, a aceitar qualquer tipo de tratamento em troca da liberdade é exercer coerção. (DE-FARIAS, 2014, p. 38-39)

Durante o tratamento, a violência e a crueldade são utilizadas para manipular a mente de Alex até que ele seja completamente condicionado a agir como desejado pelos elementos superiores. DeLarge é submetido a sessões de tortura para se tornar um “bom cidadão”, adequado às normas sociais. Dia após dia, Alex é injetado com uma determinada droga e guiado para uma sala, onde é preso a uma cadeira e recebe choques enquanto é obrigado a olhar para uma tela na qual são projetadas imagens de violência extrema acompanhadas de músicas clássicas – dentre elas, as de seu compositor favorito: Ludwig Van Beethoven. Ao término do tratamento, Alex passa a apresentar sintomas físicos de náusea e desconforto com a simples menção de atos violentos.

Vê-se que Alex não teve direito de escolha real em relação a tornar-se bom ou não – pelo contrário, ele foi induzido a submeter-se a tal procedimento que o reduziu a um ser sem vontades e caráter próprios; sem a principal característica que faz de um indivíduo um ser humano: o livre arbítrio. O método aplicado em Alex não visava sua melhora enquanto pessoa, mas a possibilidade de reduzir os danos causados por ele à sociedade. Tratado como um animal, DeLarge foi destituído de sua individualidade e de seu direito de escolher entre a bondade e a maldade, tornando-se, assim, desumanizado

Desumanização em *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, de Philip K. Dick

Diferentemente do que ocorre nos romances anteriores, em *Androides sonham com ovelhas elétricas?* a ação desumanizadora não parte do Estado com o objetivo de controlar a sociedade como um todo ou seus componentes de forma individual. Aqui, há um processo no qual essa ação atua na própria existência, seja ela orgânica, social ou psicológica.

A obra de Philip K. Dick revela ao leitor uma Terra futurística no ano de 1992, colapsada após uma guerra nuclear e tomada por uma espécie de Poeira radioativa que levou à extinção a fauna do planeta e alterou geneticamente alguns seres humanos – os Especiais –, que passaram a apresentar incapacidades cognitivas e, por essa razão, serem excluídos da sociedade. Em contrapartida, os indivíduos mais abastados e considerados “normais” emigraram para colônias extraterrestres em busca de uma nova morada. Para tanto, figuras humanoides foram desenvolvidas com a única finalidade de realizar trabalhos que os humanos não desejavam (ou não podiam) fazer.

Por conta dessa realidade servil, alguns andróides começaram a se rebelar e organizar fugas para a Terra, onde acreditavam poder viver como humanos. Todavia, ao serem decretados como fugitivos pela polícia, eram perseguidos e aposentados por caçadores de andróides – função exercida pelo personagem principal da narrativa, Rick Deckard.

A partir do resumo acima e da compreensão da presença de três tipos de existência – a orgânica, a social e a psicológica –, podem ser destacados três núcleos através dos quais a ação desumanizadora se manifesta: primeiro, o conflito existente entre a existência orgânica e a fabricada, ou seja, entre humanos e andróides; segundo, a animalização dos humanos considerados “especiais” e sua marginalização dentro da sociedade; e terceiro, a tênue linha entre o que define psicologicamente um indivíduo como humano ou como andróide.

Para ilustrar o primeiro núcleo pode-se recorrer a duas personagens: Iran Deckard e Luba Luft. Logo no início do livro, Iran, ao acordar, revela-se indisposta e relutante em aceitar que seu marido altere o humor definido pelo sintetizador de ânimo. Apesar de humana, é movida por emoções falsas – o que a leva a aparentar desilusão com sua vida:

Nessa hora – Iran disse –, quando tirei o som da TV, eu estava no estado de espírito 382; tinha acabado de escolher. Assim, embora ouvisse o vazio intelectualmente, não conseguia senti-lo. Minha primeira reação foi de gratidão por nós termos podido comprar um sintetizador Penfield. Só que aí senti como isso era doentio, perceber a ausência de vida, não só do prédio, mas em tudo, e não reagir a nada, percebe? [...] Por isso eu programo esse sentimento duas vezes por mês; acho que é um tempo razoável pra me sentir desiludida em relação a tudo, em relação a ter ficado na Terra depois que todo mundo, a ralé, emigrou. (DICK, 2017, p. 47)

Além disso, durante praticamente toda a narrativa, Iran não apresenta vontades, desejos, atitudes práticas para se mostrar humana: ela se mantém presa dentro de seu apartamento, apenas aguardando seu marido voltar de um dia de trabalho. Em poucas palavras, Iran Deckard pode ser vista como uma criatura sem perspectiva ou ação; é apenas matéria orgânica decompondo-se em plena vida e vivendo apenas de repetições. Em oposição, tem-se Luba Luft, uma andróide que após sua fuga para a Terra tornou-se cantora de ópera. Em muitos aspectos, Luft é mais humana – mais orgânica – do que Iran: com vistas de realizar seu desejo de expressar sua individualidade, decidiu se camuflar no meio artístico, onde poderia viver de forma humanizada nem que fosse apenas nos palcos. Para tanto, reformula sua “atuação” a cada vez em que se sente ameaçada por Rick Deckard.

Philip K. Dick, em seu artigo *The android and the human* (1972), pontua que o que faz o humano ser o que é, ou seja, uma criatura orgânica, é sua capacidade de responder de forma diferente a estímulos semelhantes, enquanto um andróide é marcado unicamente por sua capacidade de repetição. Partindo desse pressuposto, Iran Deckard não mais poderia ser a personagem humana nessa dicotomia, pois sua vida é marcada apenas por uma existência vazia durante a qual intercala entre usos da “caixa de empatia” e do sintetizador de ânimo. Já Luba Luft reconstrói-se sempre que julga necessário, modificando seu comportamento e até sua forma de se expressar perante o caçador de andróides para não ser descoberta e aposentada.

Enquanto mecanismo social, o processo de desumanização se faz presente na relação existente entre os humanos Normais e aqueles que foram afetados de forma mais intensa pela Poeira radioativa que cobre o planeta Terra, ou seja, os Especiais. Assim, este segundo núcleo será exemplificado através do personagem John Isidore, um “cabeça de galinha” que vive em um subúrbio abandonado.

Por conta do desejo de manter as colônias espaciais “imaculadas”, indivíduos que não apresentavam características sociais e físicas ideais à perpetuação humana eram proibidos de emigrar e eram taxados como Especiais. Essas pessoas, por serem vistas como “impróprias” para a sociedade, eram excluídas e até animalizadas, sendo muitas vezes tratadas por nomes de

animais – como é o caso de Isidore, um “cabeça de galinha”. Esse processo pode ser visto como uma forma de desumanização, pois, nas palavras do próprio texto de *Androides*: “uma vez classificado como Especial, um cidadão, mesmo que aceitasse ser esterilizado, era excluído dos registros da história. Efetivamente, ele cessava de fazer parte da humanidade.” (DICK, 2017, p. 58)

Como se pode perceber, esse movimento fere o que se conhece como dignidade humana, ou seja, o valor que cada indivíduo tem dentro da sociedade e que deve ser-lhe conferido através do respeito aos direitos fundamentais à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. É a manutenção desses direitos que garante a um indivíduo sua definição enquanto pessoa humana. Ao ter sua dignidade negada, o indivíduo passa a ser lido pela sociedade não mais como um de seus integrantes, mas como uma coisa, um nada indigno de ser tratado com deferência.

Em última instância, tem-se a desumanização enquanto um processo que ocorre na psiquê dos personagens humanos de *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, principalmente no que se refere aos dois caçadores que se destacam na narrativa: Rick Deckard e Phil Resch.

Deckard, como já mencionado, é o personagem central do romance e responsável por aposentar os androides fugitivos após Dave Holden, outro caçador, ser atingido e hospitalizado. Para Rick, eliminar um *andy* não é um ato ruim, pois ele os vê como assassinos. Entretanto, em diversas passagens da narrativa, percebe-se ponderando sobre o que de fato é a empatia e, indiretamente, sobre a relação que esta tem com seu trabalho:

Empatia, certa vez ele havia concluído, deveria ser limitada aos herbívoros ou talvez onívoros que pudessem abandonar uma dieta à base de carne. Porque, em última análise, o dom da empatia ofuscava as fronteiras entre caçador e vítima, entre vencedor e vencido. [...] Estranhamente, esse vínculo parecia um tipo de seguro biológico, embora de mão dupla. Contanto que alguma criatura experimentasse a alegria, a condição para todas as outras criaturas incluiria um fragmento dessa alegria. Porém, se qualquer ser vivo sofresse, para todos os demais a sombra desse sentimento não poderia ser inteiramente descartada. Isso faria um animal gregário como o homem adquirir um fator de sobrevivência mais elevado; uma coruja ou uma cobra seriam destruídas.

Evidentemente, o robô humanoide era um predador solitário.

Rick gostava de pensar neles dessa maneira; fazia mais suportável seu trabalho. (DICK, 2017, p. 72-73)

Ora, se a empatia é a característica distintiva entre humanos e androides, como ela poderia deixar de existir em seres humanos sem igualá-los aos robôs, visto que é através dela que se identificam e classificam os dois grupos? Não haveria mais possibilidade de utilizar o teste Voigt-Kampff para separar os seres pertencentes à sociedade daqueles que devem ser eliminados. Com efeito, é justamente por conta de sua capacidade de colocar-se no lugar do outro que ele hesita em aposentar Luba Luft.

Ao contrário de Rick, Phil Resch, outro caçador de recompensas, em momento algum hesita realizar seu trabalho. Em uma conversa com Deckard, este pontua a frieza do outro e lhe dirige as seguintes palavras: “Você não mata como eu mato; você não tenta... Diabos! Eu sei o que é. Você gosta de matar. Tudo o que você precisa é de um pretexto.” (DICK, 2017, p. 169) Este comportamento de Phil assemelha-se muito ao dos androides – o que, inclusive, leva-os a questionar se Phil não seria um androide com memórias falsas – que são perseguidos pelos caçadores, que agem de tal maneira quando sentem que sua existência está ameaçada. Em verdade, se androides não sentem empatia por outros seres e nem por seus semelhantes e Resch não demonstra compaixão ou temor de eliminar um igual, nada o impediria de ser um androide fugitivo ainda desconhecido pela polícia.

A partir do que diz Anderson Soares Gomes em sua tese *Aspectos teóricos da narrativa contemporânea em romances de Philip K. Dick*, é possível entender que essa problemática ocasionada pela mescla dos comportamentos humanos e andróides leva os primeiros a passar por um processo que culmina em sua desumanização:

A discussão aqui entre onde termina a simulação e começa o genuíno se dá primeiramente no terreno do corpo. Ao tornar ambígua a relação entre seres humanos e andróides, o autor tece um comentário sobre qual é o traço humano distintivo e o que o difere das máquinas. Mas é quando os robôs humanóides passam a agir como humanos e os humanos se comportam como máquinas que Dick eleva a questão a níveis metafísicos, fazendo com que ambos os grupos se perguntem a sua verdadeira natureza e o objetivo de sua própria existência. (2008, p. 43)

Vale ressaltar que esse processo não é referente a uma mudança propriamente dita – algo físico, por assim dizer – do indivíduo humano para robô, mas, sim, à forma como aquele passa a se perceber mediante suas próprias ações práticas, emocionais e psicológicas em relação ao outro.

Outro ponto que merece destaque em relação a sua aparente função de lembrar os humanos de sua capacidade de conexão com seus semelhantes é a religião mencionada na obra de Dick: o Mercerismo. A crença é centrada na figura de Wilbur Mercer, um homem que sofreu com a exclusão e perseguição por sua capacidade de trazer os mortos à vida. Para que todos seus seguidores possam vivenciar junto de Mercer o seu martírio, é utilizada uma ferramenta conhecida como “caixa de empatia”, através da qual o usuário, fundido com essa entidade, torna-se capaz de sentir fisicamente o sofrimento dele e dos demais indivíduos que estejam conectados a ela. É a própria filosofia do mercerismo que guia Rick em seu trabalho, como se pode ler no trecho a seguir:

Rick gostava de pensar neles dessa maneira; fazia mais suportável seu trabalho. Ao aposentar – isto é, matar – um andy, ele não violava a regra da vida estabelecida por Mercer. *Matarás somente os assassinos*, Mercer lhes havia dito no ano em que as caixas de empatia chegaram à Terra pela primeira vez. (DICK, 2017, p. 73)

Entretanto, ao final da narrativa, é revelado que o Mercerismo é uma fraude e que Wilbur Mercer não é nada mais que um ator do mundo pré-guerra, Al Jarry, em um de seus últimos trabalhos antes de se aposentar. Como a única forma de comprovação da capacidade empática era a experiência promovida pelo uso da caixa, ao revelar-se como uma farsa, a única prova passa a ser a própria afirmação humana de que é capaz de sentir empatia por seus semelhantes, pois como diz Irmgard, uma das andróides fugitivas, “sem a experiência de Mercer nós só temos a sua *palavra* de que vocês sentem essa tal empatia, essa coisa compartilhada em grupo.” (DICK, 2017, p. 234)

Como se pode perceber, *Andróides sonham com ovelhas elétricas?* é um romance que, nas palavras de Anderson Gomes,

trata a questão da existência andróide, em que criaturas artificiais são tão ou mais humanas que os próprios seres humanos, o que cria uma crise na percepção de identidade de ambos os seres e de certa forma rompe as barreiras do que pode se chamar ‘humanidade’ (2008, p. 145)

Por conseguinte, vê-se que é uma obra composta por uma vasta gama de exemplos do processo de desumanização, seja no que tange o corpo orgânico, a vivência social ou a realidade ontológica.

Considerações Finais

Tendo como princípio o objetivo de investigar como o processo de desumanização ocorre em *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley; *Laranja mecânica*, de Anthony Burgess; e *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, de Philip K. Dick, buscou-se realizar paralelos entre elementos da narrativa e análises críticas de autores que trabalham com os livros investigados. Cada uma das obras foi conceituada individualmente para possibilitar uma melhor compreensão do caminho de pesquisa seguido.

Visando também analisar como a desumanização afeta na caracterização das obras supracitadas, realizaram-se alguns paralelos entre os diferentes processos presentes nos textos, pontuando como estes particularizam cada um dos romances e colaboram para seu desenvolvimento temático. Em *Admirável mundo novo* há um processo de perda da identidade individual que se inicia antes mesmo do nascimento: feitos em linhas de montagem industriais, os seres humanos não passam de um produto que é desenvolvido de acordo com a necessidade do Estado. Mulheres e homens são ensinados desde a infância o que devem e o que não devem gostar, como se comportar e suas funções na sociedade. Neste mundo criado por Huxley, não há espaço para manifestações do eu, com seus vícios e suas virtudes próprias.

Compreendido como uma existência pertinente à fronteira entre o bem e o mal, o humano é o conjunto de todos os seus aspectos positivos e negativos – manifestados de forma mais ou menos intensa. É justamente esta composição do indivíduo que é perdida pelo efeito de desumanização em *Laranja mecânica*: Alex Delarge, personagem principal da narrativa, é um jovem estritamente mau. Após ser submetido a um cruel processo de reabilitação que substituiria a pena capital a qual foi sentenciado, Delarge é convertido a um indivíduo física e psicologicamente incapaz de tolerar quaisquer atos de violência; de outro modo, teve sua individualidade reprimida brutalmente em benefício do próprio Estado. Tem-se então, na obra de Burgess, um sujeito despido daquilo que o faz humano: o direito ao livre arbítrio.

De forma um pouco diferente do que ocorre nas demais obras, em *Androides sonham com ovelhas elétricas?* a desumanização é um processo existencial, influenciando em três principais campos: o orgânico, o social e o ontológico. O primeiro campo, revela o quanto a condição humana foi perdida com o advento de mecanismos de reprodução de sentimentos: enquanto humanos dependem de um sintetizador de ânimo para ter alguma emoção além de apatia, alguns androides não aceitam submissamente sua condição de fugitivos e buscam refúgio nos mais diversos espaços. Ora, se estes se mostram dispostos a reinventar-se para escapar da morte ao mesmo tempo em que aqueles não conseguem viver a não ser através de sensações falsas, sua existência não deveria ser propriamente considerada orgânica e, conseqüentemente, humana de fato.

No campo social, a desumanização afeta os indivíduos vistos como inferiores, os chamados Especiais. Estes, além de serem nomeados como animais, foram abandonados à própria sorte em uma Terra pós-apocalíptica por não corresponderem ao padrão “perfeito” desejado pelos que se mudaram para as colônias espaciais. A existência desses indivíduos é, por vezes, excluída da história humana como se nunca houvessem tomado parte nela.

No último campo, o ontológico, o principal elemento relacionado à perda de humanidade é a incapacidade de sentir empatia por outrem. Enquanto característica considerada exclusiva da espécie humana, a habilidade de se colocar no lugar do outro é fator decisivo na definição dos grupos dominadores – humanos – e dos grupos dominados – androides –, pois acredita-se que estes não são capazes de comungar uns com os outros através da “caixa de empatia”. Todavia, quando é revelado que esta é uma fraude, essa possibilidade de separação deixa de existir. Tal fato é corroborado pela própria existência de humanos desprovidos de tal habilidade, como alguns dos caçadores de androides que “aposentam” fugitivos sem sentir o menor remorso ou tentar compreender seus motivos.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para o aprofundamento dos estudos voltados para obras de literatura de língua inglesa, principalmente aquelas produzidas no século XX. Acreditamos que o entendimento das realidades fictícias pode proporcionar um melhor vislumbre da realidade humana, pois compreendemos que o estudo crítico da arte possibilita compreender a sociedade e até antever o que determinadas ações poderão acarretar em um futuro não tão distante.

THE DEHUMANIZATION OF THE INDIVIDUAL IN THE DYSTOPIAS OF ENGLISH-LANGUAGE LITERATURE IN THE 20TH CENTURY

ABSTRACT: This paper deals with the processes of dehumanization present in the novels *Brave new world*, by Aldous Huxley; *A clockwork orange*; by Anthony Burgess; and *Do androids dream of electric sheep?*, by Philip K. Dick. By reading and confronting authors who have been studying the utopia and the dystopia as literary genres and the processes of dehumanization in literary production, the authors of this article sought to characterize such concepts and analyze how these processes affect the aforementioned narratives

Keywords: Dehumanization. Dystopia. English-language literature. Utopia.

REFERÊNCIAS

BURGESS, Anthony. *Laranja mecânica*. Tradução Fábio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2014.

CARBONELL, Curtis D. Brave new world. In: RANISCH, Robert; SORGNER, Stefan Lorenz (eds.). *Post- and transhumanism: an introduction*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2014. p. 109-118. Disponível em: <https://doi.org/10.3726/978-3-653-05076-9>. Acesso em: 11 jan. 2021.

CHIZMAR, Paul Christopher. *Miranda's dream perverted: dehumanization in Huxley's Brave new world*. Tese (Doutorado em Letras) - College of Arts and Sciences, Department of English, Kent State University, Kent, 2012. Disponível em: http://rave.ohiolink.edu/etdc/view?acc_num=ksuhonors1335827209. Acesso em: 11 jan. 2021.

DE-FARIAS, Ana Karina C. R. *et al.* Laranja mecânica: uma análise behaviorista radical (v. 1). In: DE-FARIAS, Ana Karina C. R.; RIBEIRO, Michela Rodrigues (orgs.). *Skinner vai ao cinema*. Brasília: Instituto Walden 4, 2014. p. 24-44. Disponível em: https://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v1_2a_ed_2014.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

DICK, Philip K. The android and the human. *SF Comentary*, Melbourne, n. 31, p. 9 - 25, 1972. Disponível em: https://fanac.org/fanzines/SF_Commentary/sfc31.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

DICK, Philip K. *Androides sonham com ovelhas elétricas?* Tradução Ronaldo Bressane. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2017.

FERREIRA, Vítor Vieira. Utopia e distopias no século XXI e pós-modernismo. *Papéis*, Campo Grande, v. 19, n. 38, p. 64-82, 2015. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/papeis/article/view/2988>. Acesso em: 15 out. 2020.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. Da utopia à distopia: política e liberdade. *Eutonomia*, Recife, v. 1, n. 03, p. 324-362, 1982. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/1821>. Acesso em: 15 out. 2020.

FIRPO, Luigi. Para uma definição da " utopia". *Morus – utopia e renascimento*, Campinas, v. 2, p. 227-237, 2005. Disponível em: <http://revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/17>. Acesso em: 15 out. 2020.

GOMES, Anderson Soares. *Aspectos teóricos da narrativa contemporânea em romances de Philip K. Dick*. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.11720>. Acesso em: 15 out. 2020.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em: 15 out. 2020.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Tradução Lino Vallandro e Vidal Serrano. 22. ed. São Paulo: Globo, 2014.

SCORSI, R. de A. A laranja mecânica revisada. *Pro-Posições*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 173-175, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644093>. Acesso em: 11 jan. 2021.

Data de submissão: 21/07/2022

Data de aceite: 18/11/2022